

Intellectual comprometido, escritor multifacetado, resistente antifascista, militante comunista – a sua vida e obra testemunham um profundo compromisso com a luta pela libertação dos explorados e dos oprimidos, pela democracia e o socialismo.

Urbano Tavares Rodrigues

1923 | 2023

*«Encontrar uma clareira
de infinita fraternidade»*

Urmano Tavares Rodrigues, nascido em Lisboa em 6 de Dezembro de 1923, mantém desde a infância uma profunda ligação à terra e às gentes do Alentejo que marcará toda a sua obra.

Licenciado em 1949, Urbano Tavares Rodrigues inicia a partir de então a carreira de docente universitário. Afastado por razões políticas em 1959, só com o 25 de Abril retoma a docência na Faculdade de Letras de Lisboa, onde termina a carreira académica como professor catedrático em 1993.

Urbano Tavares Rodrigues faleceu em Lisboa a 9 de Agosto de 2013, a poucos meses de completar noventa anos.



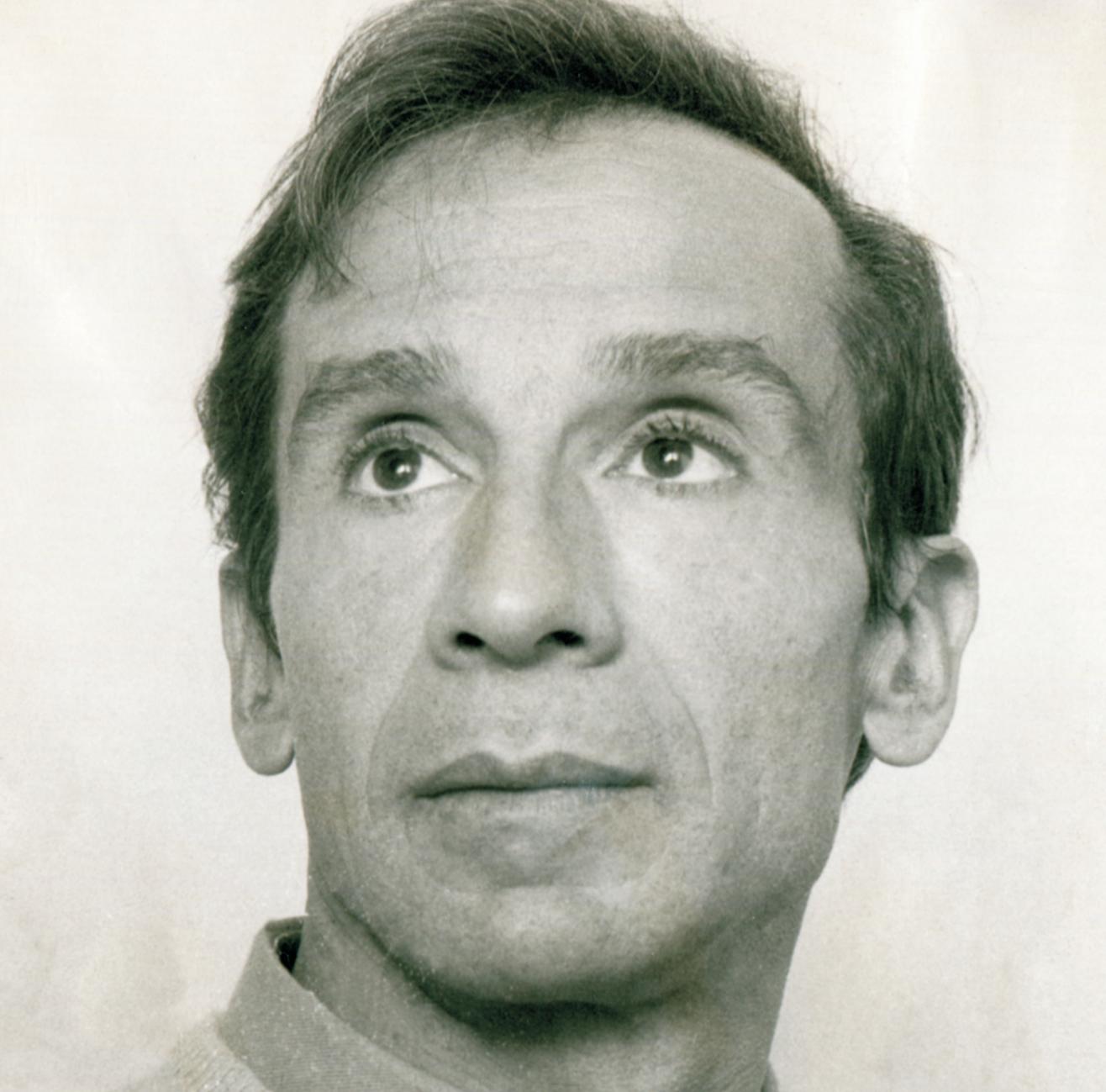
Homenagem a Urbano Tavares Rodrigues / 06.12.2014

Na obra de Urbano o Alentejo é «uma terra onde se vai buscar a força, onde reside a fonte de uma experiência concentrada da injustiça, da esperança que perde o medo, e da solidariedade fraterna.»

Manuel Gusmão

«Por um lado, recebi a oralidade e a magia das conversas dos camponeses, por outro lado, tive uma relação muito próxima com a natureza, com o rio onde aprendi a nadar, com os cavalos (...) tudo, a lua, as estrelas, as árvores, os animais eram-me muito familiares. (...) ao longo dos livros (...) quando volto ao Alentejo, creio que é quando eu encontro uma certa qualidade lírica e mágica da linguagem.»

Urbano Tavares Rodrigues



Urbano Tavares Rodrigues

UMA PEDRADA NO CHARCO



Livraria Bertrand



Urbano Tavares Rodrigues

Estórias Alentejanas



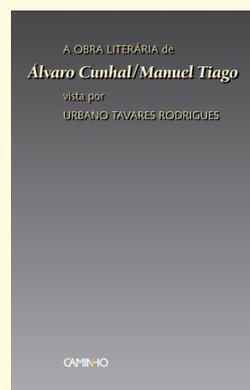

Homem fraterno e generoso, de grande coragem física e moral, Urbano Tavares Rodrigues empenhou-se durante toda a vida na causa da liberdade, combatendo ao lado dos deserdados e dos oprimidos.

Combativo resistente antifascista, participou nas candidaturas presidenciais de Norton de Matos e Humberto Delgado; fez parte das Juntas de Acção Patriótica; foi candidato da oposição democrática nas «eleições» de 1969 e 1973, fez parte da Comissão Nacional e participou no 3.º Congresso da Oposição Democrática, em 1973; participou activamente no movimento pela Paz; visitou clandestinamente vários países socialistas. Fez parte da direcção da Sociedade Portuguesa de Escritores, encerrada pelo fascismo após premiar o romance *Luuanda*, de Luandino Vieira, o que denunciou em fóruns internacionais de escritores. Preso três vezes pela PIDE, resistiu sempre dignamente às ferozes torturas. Em 1969 torna-se militante do PCP, com o qual colaborava havia décadas.

Após o 25 de Abril, teve uma intervenção activa no processo revolucionário e na luta em defesa das conquistas da Revolução. Foi candidato à Assembleia Constituinte e à Assembleia da República pelo PCP. Em 1980 foi eleito presidente da direcção da Associação Portuguesa de Escritores. Fez parte da presidência da Associação Portugal-URSS.

Colaborou regularmente no *Avante!*. Dedicou vários textos à figura de Álvaro Cunhal, nomeadamente *A Obra Literária de Álvaro Cunhal/Manuel Tiago vista por Urbano Tavares Rodrigues* (2005) e *É Tempo de Começar a Falar de Álvaro Cunhal* (2006).

No ano de 2002 é homenageado na Festa do Avante!.

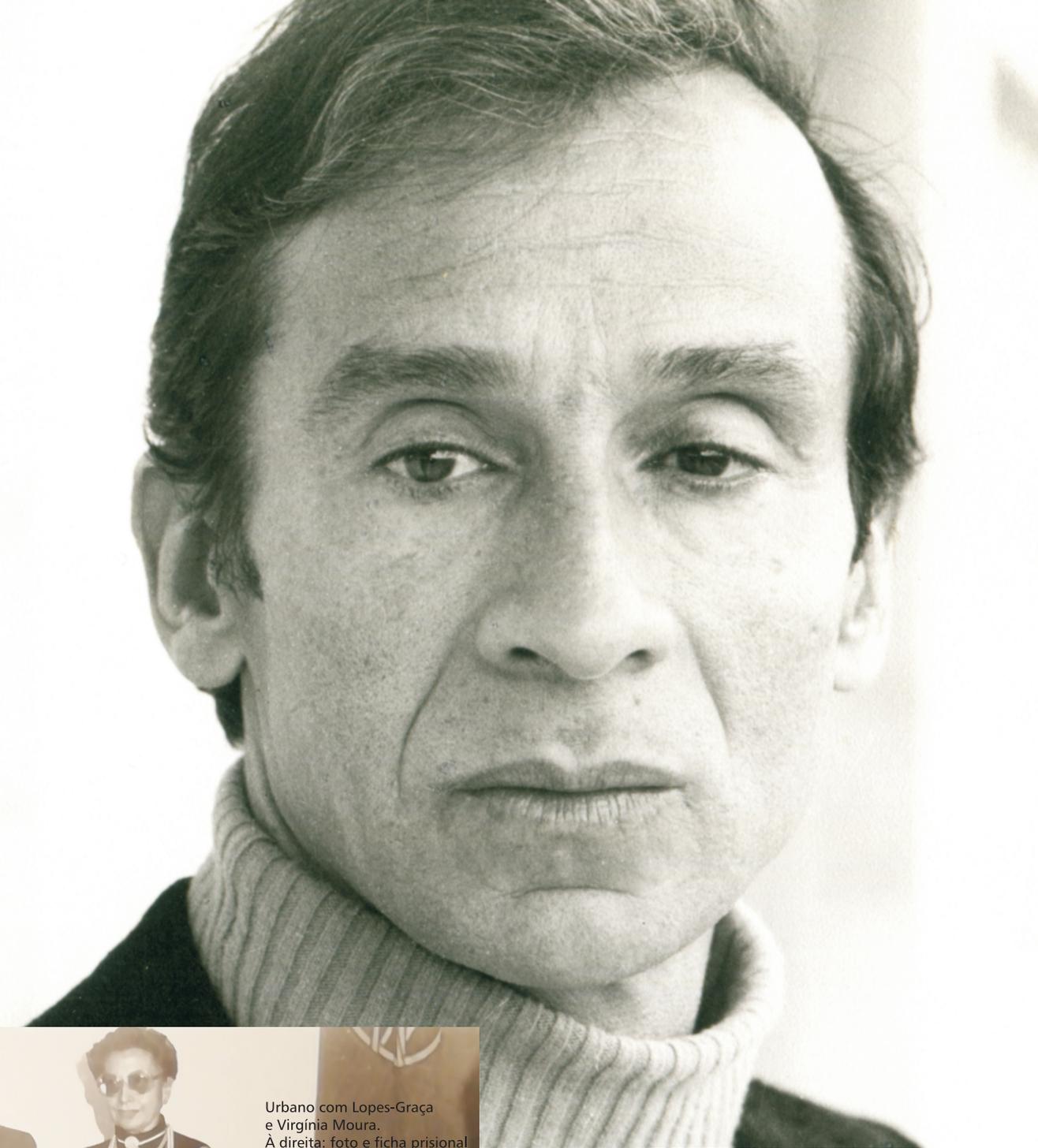


«Resistente antifascista várias vezes submetido aos brutais interrogatórios da PIDE, que sempre enfrentou com coragem e verticalidade exemplares; militante comunista desde esse tempo longínquo da ditadura até ao fim da sua vida; escritor e intelectual prestigiado nacional e internacionalmente; dele guardamos na memória a sua constante disponibilidade solidária e amiga, a sua integração plena no nosso grande, coeso e fraterno colectivo partidário comunista.»

José Casanova

«Muitos dos escritores portugueses do tempo das ditaduras salazarista e caetanista, direi mesmo a grande maioria, estiveram directamente ligados à luta clandestina e semiclandestina ou colaboraram com a frente cultural antifascista na luta pela restauração das liberdades, no apoio aos presos políticos e, através de conferências e colóquios, às colectividades recreativas, culturais e operárias que tiveram um papel muito importante no desenvolvimento e transmissão da mentalidade progressista.»

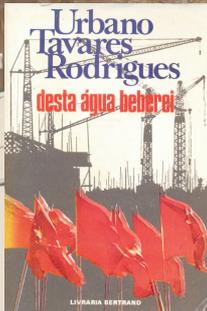
Urbano Tavares Rodrigues



Urbano com Lopes-Graça e Virgínia Moura. À direita: foto e ficha prisional



Urbano Augusto Tavares Rodrigues - 19-1-68 = 24.11



Urbano Augusto Tavares Rodrigues
Profissão jornalista
Data do Nascimento 6-12-923
Residência Rua da Condição Tavares Rodrigues, 23-A, Lisboa
ou documentos apreendidos
Reg. 3113/6351-4/IV
BIOGRAFIA PRISIONAL

Profissão jornalista
Data do Nascimento 6-12-923
Residência Rua da Condição Tavares Rodrigues, 23-A, Lisboa
ou documentos apreendidos
Reg. 3113/6351-4/IV
BIOGRAFIA PRISIONAL
... para a Direcção em 11-12-63, por actividades contra a
Ordem da Estado, ficou recolhido a cadeia de Aljube em 18-1-68
Posteriormente à liberdade em 23-12-63. Nº 361/63.
Foi preso e levado em 18-1-68 por actividades contra a
Ordem da Estado, ficou recolhido a cadeia de Aljube em 18-1-68
Posteriormente à liberdade em 23-12-63. Nº 361/63.
Foi preso e levado em 18-1-68 por actividades contra a
Ordem da Estado, ficou recolhido a cadeia de Aljube em 18-1-68
Posteriormente à liberdade em 23-12-63. Nº 361/63.

Ao longo de mais de sessenta anos, Urbano Tavares Rodrigues foi autor de uma vasta obra literária, cobrindo um largo espectro de géneros: o conto, a novela e o romance, mas também o ensaio e a crítica, a crónica, as narrativas de viagens, a poesia. Nela estão presentes os valores humanos que nortearam toda a sua vida – a liberdade, a justiça social, a paz, a solidariedade, a fraternidade. Livros seus foram traduzidos em numerosas línguas.

Aplaudida pelo público, a sua obra foi também reconhecida pela crítica, valendo-lhe numerosos prémios:

Prémio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências de Lisboa (1958, por *Uma Pedrada no Charco*);

Prémio da Imprensa Cultural (1966, por *Imitação da Felicidade*, obra apreendida pela censura);

Prémio Aquilino Ribeiro da Academia das Ciências de Lisboa (1982, por *Fuga Imóvel*);

Prémio da Crítica da Associação Internacional de Críticos Literários (1987, por *Vaga de Calor*);

Prémio Fernando Namora (1991, por *Violeta e a Noite*);

Grande Prémio de Conto Camilo Castelo Branco da Associação Portuguesa de Escritores (1991, por *A Estação Dourada*);

Prémio Literatura e Ecologia do Lyons Club de Aveiro (1993, por *Deriva*);

Prémio de Ensaio Jacinto do Prado Coelho do Centro Português da Associação Internacional dos Críticos Literários (1993, por *A Horas e Desoras*, ensaio);

Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores (2002).



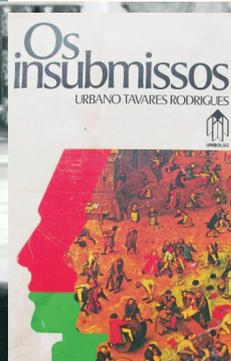
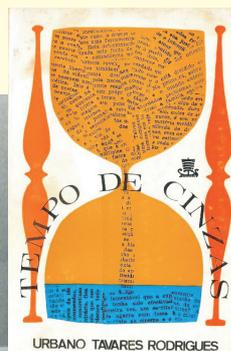
Lisboa, 1980
Marcha pela Paz.
Da esquerda para a direita:
José Saramago,
Fernando Piteira Santos,
Maria Rosa Colaço,
Fernando Lopes-Graça,
Manuel da Fonseca,
José Cardoso Pires
e Urbano Tavares Rodrigues

«No nosso actual panorama literário, Urbano Tavares Rodrigues é não apenas um dos autores de mais rico e facetado currículo mas também um dos mais pródigos em dons da escrita, da percepção sensorial-verbal, da efabulação. A sua obra respira uma larga generosidade e uma excepcional coragem.»

Óscar Lopes

Urmano Tavares Rodrigues foi também jornalista durante muitos anos. Ainda estudante, em 1948, começa a trabalhar no *Diário de Notícias*. Trabalhou também no *Diário de Lisboa* (para o qual realizou viagens enquanto correspondente, nomeadamente sobre a crise do Suez, em 1956), dirigiu a redacção de *Letras e Artes* (que teve de abandonar por pressão da censura), foi co-director do jornal literário *Europa* e jornalista de *O Século*.

Colaborou ainda em numerosas publicações, entre as quais *Boletim da Associação de Amizade Portugal-RDA*, *Colóquio/Letras*, *JL*, *Le Monde*, *Le Nouvel Observateur*, *Ler*, *Magazine Littéraire*, *O Diário*, *O Estado de S. Paulo*, *Seara Nova* e *Vértice*.



◀ Urbano com José Saramago e Zeferino Coelho na Festa do Avante! e num almoço de homenagem do PCP na Sede Nacional com o Secretário-Geral, Carlos Carvalhas. ▶



«Os jornais eram então habitados por escritores. Só no Diário de Lisboa, o último onde estive, havia figuras como o José Cardoso Pires, o Luís de Sttau Monteiro, o José Saramago, a Isabel da Nóbrega, o Fernando Assis Pacheco, a Maria Judite de Carvalho, o José Jorge Letria, o José Carlos de Vasconcelos.»

«Acumular livros, romances, novelas, muitos contos, ensaios prefácios, artigos, pode significar uma procura incessante de perfeição e sobretudo de desejo de comunicar, de lutar por uma sociedade melhor, por uma nova fraternidade.»

«São despojos de uma vida intensa, sempre ligada à escrita mas também de resistência, risco e sofrimento.»

«Neste fim de jornada ainda não deponho as armas, isto é a pena, o que me resta.»

«O futuro é escuro e incerto, mas há uma mudança de civilização à vista, a barbárie neo-liberal, ao extinguir-se (ou reformar-se?), deixa antever campos de esperança.»

Urbano Tavares Rodrigues

